



***A LUA DE N'WETI:
O IMAGINÁRIO INFANTIL DE SÓNIA SULTUANE***

A LUA DE N'WETI: SÓNIA SULTUANE'S CHILD IMAGINARY

A LUA DE N'WETI: EL IMAGINARIO INFANTIL DE SÓNIA SULTUANE

Sávio Roberto Fonseca de Freitas ¹

RESUMO:

O objetivo deste estudo é desenvolver uma análise da obra literária infantil *A Lua de N'weti* (2014), da escritora moçambicana Sónia Sultuane. Movida pelo mundo das crenças tradicionais e pelo universo místico da Lua, Sónia Sultuane faz migrar a poesia para a literatura infantil. N'weti é uma menina moçambicana que amadurece os medos em relação à Lua cheia. Ao contar esta estória, Sultuane comprova um vínculo com o movimento da moçambicanidade. Alguns aspectos são levados em consideração na análise: a oralidade, as crenças tradicionais moçambicanas e o imaginário infantil no feminino. Como suporte teórico, ancoramos nossas análises em posicionamentos de: Chevalier; Gheerbrant, 2006; Moreira, 2005; Bachelard, 1990; Secco, 2007; Chiziane & Martins, 2018.

PALAVRAS-CHAVE: oralidade, crenças tradicionais moçambicanas, imaginário infantil no feminino.

ABSTRACT:

*The aim of this study is to develop an analysis of the children's literary work *A lua de N'weti* (2014), by Mozambican writer Sónia Sultuane. Moved by the world of traditional beliefs and the mystical universe of the Moon, Sónia Sultuane moves poetry to children's literature. N'weti is a Mozambican child who matures fears about the full moon. In telling this story, Sultuane proves a link with the Mozambican movement. Some aspects are considered in the analysis: orality, traditional Mozambican beliefs and children's imagination in feminine. As theoretical support, we anchor our analyzes in positions of: Chevalier; Gheerbrant, 2006; Moreira, 2005; Bachelard, 1990; Secco, 2007; Chiziane & Martins, 2018.*

KEYWORDS: *orality, traditional Mozambican beliefs, children's imagination in the feminine.*

¹ Prof. Dr. de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras do Centro de Ciências Aplicadas à Educação e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB.

E-mail: savioroberto1978@yahoo.com.br



RESUMEN:

El objetivo de este estudio es desarrollar un análisis de la obra literaria infantil A lua de N’weti (2014), de la escritora mozambiqueña Sónia Sultuane. Movida por el mundo de las creencias tradicionales y el universo místico de la Luna, Sónia Sultuane traslada la poesía a la literatura infantil. N’weti es una niña mozambiqueña que madura sus temores sobre la luna llena. Al contar esta historia, Sultuane confirma su vínculo con el movimiento de la “mozambicanidad”. En el análisis se tienen en cuenta algunos aspectos: la oralidad, las creencias tradicionales mozambiqueñas y la imaginación infantil en femenino. Como soporte teórico, anclamos nuestros análisis en los aportes de: Chevalier; Gheerbrant, 2006; Moreira, 2005; Bachelard, 1990; Secco, 2007; Chiziane & Martins, 2018.

PALABRAS CLAVE: *oralidad, creencias tradicionales mozambiqueñas, imaginario infantil en femenino.*

Ao Calane da Silva, que se encantou em 29/01/2021.

Primeiras colocações

Consagrada como poeta e artista plástica moçambicana, Sónia Sultuane também escreve literatura para crianças. As obras dedicadas ao público infantil são: *A Lua de N’weti* (2014) e *Celeste, a boneca com olhos cor de esperança* (2017). Os livros são publicados pela Editorial Novembro, uma editora portuguesa. Ainda não há edição brasileira, um dos motivos que podem ser causadores do pouco conhecimento dos leitores brasileiros sobre esta escolha de escrita da autora em tela.

Nosso objeto de análise será o livro *A Lua de N’weti* (2014). A narrativa infantil traz alguns aspectos que não podem passar despercebidos: a oralidade que se faz presente no *modus operandi* da contação de histórias tão preservada pelas mulheres moçambicanas e sempre defendida pela escritora Paulina Chiziane; a permanência das crenças tradicionais por meio da prática moçambicana chamada “chá da Lua”, uma estratégia homeopática usada pelas mulheres para que os efeitos místicos da Lua cheia não afetem as crianças moçambicanas; e o imaginário infantil moçambicano consolidado no discurso de N’weti, a personagem central da narrativa.

A relação das escritoras moçambicanas com a Lua sempre foi de contemplação natural pelo poder místico de inspiração que este astro exerce sobre a arte. As mulheres sempre movimentaram sua vida de acordo com as fases da Lua. No universo místico das representações simbólicas, a Lua ocupa um lugar de destaque em relação ao Sol:

É em correlação com o simbolismo do Sol que se manifesta o da Lua. Suas duas características mais fundamentais derivam, de um lado, de a Lua ser privada de luz própria e não passar de um reflexo do Sol; do outro lado, de a Lua atravessar fases diferentes de mudança de forma. É por isso que ela simboliza a dependência e o princípio feminino (salvo exceção), assim como a periodicidade e a renovação. Nessa dupla qualificação, ela é símbolo de transformação e de crescimento. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p.561)

De acordo com o pensamento de Jean Chevalier e Allain Gheerbrant (2006, p.561), podemos afirmar que a Lua, enquanto elemento de representação simbólica, diz muito sobre o estado feminino das coisas, principalmente se observarmos a Lua em sua condição de mudanças de fases e de formas. No entanto, quando nos apropriamos do referido pensamento para articular a narrativa infantil de Sônia Sultuane, sob o poder místico da Lua, notamos que a personagem N'weti é comandada pelo exercício simbólico lunar da transformação e do crescimento.

Sônia Sultuane: uma mulher movida pela Lua

Sônia Sultuane dedica especial atenção à Lua em dois livros de poesia, a saber: *No Colo da Lua* (2009) e *Roda de Encarnações* (2017). Estas coletâneas de poemas nos fazem entender que:

O que faz a verdadeira poeticidade de um texto é que nunca ele obedece servilmente a quaisquer diretrizes racionais e teóricas, mas estabelece uma constante tensão com as mais amplas potencialidades da expressão, fazendo-as vir à tona no discurso. Ou seja: pensando apenas no campo estético, uma coisa é a argumentação teórica, outra coisa é a prática poética. Na primeira temos convenções e leis; na segunda, a liberdade de invenção. (CARA, 1998, p. 26)

A liberdade de invenção proporcionada pela prática poética é o que permite Sônia Sultuane, por meio da escrita literária, traçar caminhos imaginários que vão ganhando substância discursiva no corpo metapoético dos poemas que tomam forma, sob o comando da Lua, a qual liberta a poeta de sistemas e de estereótipos. A metapoesia funciona como fórum íntimo de descobertas sobre uma escrita que se faz pelo entendimento da subjetividade do corpo feminino. A voz poética de Sônia Sultuane nos convida a lugares só possíveis pelos caminhos sugeridos pela poesia:

No colo da Lua
 Quero olhar o céu
 e contemplar a sua sombra dançando
 na cadência do meu coração,
 mergulhar no seu infinito,
 no reflexo do azul esverdeado profundo,
 sentir o cheiro do mundo percorrer-me as entranhas,
 falar às estrelas prateadas,
 sentar-me no colo da Lua armando a imensidão do
 universo,
 saboreando cachos de uvas pretas adocicadas,
 para poder entregar-me a todos os sabores exóticos,
 cantando e suspirando pela vida.

(SULTUANE, 2009, p.23)

Compondo a coletânea de poemas *No Colo da Lua* (2009), este poema homônimo é um metapoema em que o eu-poético se posiciona no feminino. As palavras “colo” e “Lua” funcionam como um acalento em que poussa a voz poética. O poema tem duas estrofes que se interligam pelo encadeamento sugerido pelo verbo “Quero” no início da primeira estrofe. O encadeamento do verbo querer se constrói por enumerações de ações realizadas pelo eu-poético: olhar, contemplar, sentir, sentar, percorrer, falar, armar, saborear, poder, entregar, cantar e suspirar. Um encadeamento paralelístico que vai formando um ciclo lunar que preenche a unidade poética do poema acima. A Lua deita a voz poética em seu colo, como podemos notar no quinto verso da segunda estrofe: “sentar-me no colo da Lua armando/ a imensidão do universo”; e exerce uma função de musa inspiradora permissiva à catarse proposta pela voz poética. Concordando com o que dizem Chevalier e Gheerbrant (2006, p.561) acerca da simbologia lunar, a Lua neste poema revela o estado transformador e crescente do eu-poético.

Como podemos perceber, Sónia Sultuane convida, através de sua voz poética, a Lua para ocupar lugar de destaque em sua poesia, inspirando-a de acordo com o poder simbólico de suas fases. Em *No Colo da Lua* (SULTUANE: 2009, p.23), a Lua em seu estado crescente faz com que a voz poética sente em seu colo para manifestar o poder do feminino por intermédio de uma deusa que se imortaliza pela palavra.

Trazer a mística da Lua cheia para o imaginário infantil moçambicano é mais uma forma de apresentar o mundo que ainda se mantém invisível em função de uma sociedade ainda organizada por princípios eurocentrados, colonizados, machistas e conservadores próprios da cultura judaico-cristã, incompatível com a pluralidade cultural de Moçambique.

Nos tempos antigos, os contos tradicionais fizeram parte da dinâmica cultural das sociedades africanas. Ouvir os mais velhos contadores de estórias, sentar à sombra das árvores sagradas e se embevecer com narrativas, cujos enredos e temáticas não separam os homens da natureza, eram práticas fundamentais que, entretanto, hoje, estão se perdendo. Na época ancestral, as idades da vida se completavam e a criança estava inserida no mundo dos adultos. (SECCO, 2007, p.9)

A Lua de N’weti (2014) é uma narrativa infantil que recupera, como atesta Carmen Secco (2007, p.9), a dinâmica cultural da sociedade moçambicana, quando nos fornece dispositivos estéticos e ideológicos para perceber a tradição da contação de estórias, o exercício da humanização pelo contato com a natureza e pelo reconhecimento das forças que a regem, e, principalmente, pela valorização de uma ancestralidade que coloca em uma linha comportamental interativa as crianças e os adultos.

N’weti: uma menina moçambicana temente à Lua cheia

No universo moçambicano da contação de estórias, os fatos se organizam pela ordem da natureza e da ancestralidade. A voz dos ancestrais se confunde com a voz do narrador, que, no âmbito das literaturas africanas, se torna um ser de papel, um refém disponível às multifacetadas performances do ato de narrar sob as astúcias miméticas da oralidade recriada pela escrita. Como nos mostra Terezinha Taborda Moreira, “todo ato de narrar instala sua perspectiva logo nas primeiras linhas. Isso torna evidente que a adoção de um modo de narrar corresponde a uma intenção deliberada do narrador (MOREIRA, 2005, p.31).

Concordamos com Terezinha Taborda Moreira no que se refere ao modo de narrar que se apresenta nas primeiras linhas como algo intencional do narrador. No texto literário em análise, Sónia Sultuane claramente se apropria do modo *karinguana ua karingana*, prática ronga da contação de estórias à volta da fogueira. Não se pode deixar de mencionar que as estórias contadas sob esta perspectiva possuem um fim moralizante e educador em relação à cultura local.

Era uma vez uma menina de cabelo trançado,
 sempre enfeitado de missangas e lacinhos.
 A sua roupa, tão pequenina quanto ela, era
 feita de capulana muito colorida.
 As suas sandálias recicladas eram feitas de
 borracha de pneus,
 aproveitadas das carruagens que levavam
 o milho até o povoado vizinho de
 mapulanguene, a aldeia onde vivia.
 N’weti nasceu numa fazenda de gado, com
 muitas laranjeiras e agriões, longe da poluição
 e do barulho das buzinas dos grandes camiões.
 (SULTUANE, 2014, p.6)

Como toda estória que se conta para um público ouvinte, a narração aqui exposta nos lança para o mundo imaginário de N’weti, uma menina notadamente da zona rural de Moçambique, cujas vestimentas revelam a territorialidade (“nasceu em uma fazenda de gado”), a condição econômica (“capulanas coloridas, missangas, sandálias de borracha de pneus”). Um outro dado importante que se volta ao universo da pureza de N’weti é a ambientação que cerca a personagem (“fazenda de gado, com muitas laranjeiras, longe da poluição e do barulho das buzinas dos grandes camiões”). Estes aspectos se constituem como elementos que amplificam o grau de verossimilhança do texto a ponto de fazer o leitor se reportar à cena em que surge N’weti na narrativa.

A descrição e a disposição das sentenças em forma de poema, além de tornarem o texto híbrido, confirmam a presença da oralidade no registro escrito por meio da expressão “Era uma vez”, sentença que conduz muitas crianças para viajarem ao mundo das tantas possibilidades do imaginário infantil. Sônia Sultuane, logo no primeiro momento dessa narrativa infantil, deixa visível a poeticidade, a sensibilidade e a preocupação com a organização do feminino, o que nos faz mais uma vez concordar com Terezinha Tabora Moreira (2005, p.31), quando a pesquisadora afirma que todo modo de narrar é intencional.

Trazer uma menina nascida em uma fazenda de gado como personagem principal de uma narrativa infantil é uma estratégia também política, uma vez que é dada, por meio da literatura, visibilidade a um espaço geográfico tão abandonado pelas instâncias de poder em Moçambique. A zona rural é o território onde se preservam mais a oralidade, as crenças tradicionais, os costumes familiares, a vida em aldeia. Trazer para os poemas esse universo da ruralidade é mostrar um moçambique pouco privilegiado economicamente, mas rico em uma cultura de sobrevivência mantida pelas *machambas*², pelo respeito à natureza e à ancestralidade.

2 *Machambas* são plantações.

Havia, contudo, algo que esta menina temia muito! Não eram os cães, as vaquinhas, as galinhas, os cabritos ou tão pouco os pavões...era algo que acontecia somente um dia em cada mês: a noite de Lua cheia!

(SULTUANE, 2014, p.8)

O misticismo que envolve a Lua cheia já é bem explorado por Sónia Sultuane em todo o conjunto das coletâneas de poemas. A escritora declara em muitas de suas aparições públicas que a Lua cheia sempre está presente nos momentos de descobertas e de transição de sua vida. Mas, há uma justificativa científica para isto: a Lua cheia possui uma atração magnética em relação à Terra, a ponto de interferir nos comportamentos humanos, nas marés, na fauna, na flora, nas plantações e também no imaginário de populações que se orientam por práticas tradicionais deixadas pelos ancestrais. Moçambique é um país em que as crenças tradicionais predominam em relação às práticas religiosas mulçumanas e judaico-cristãs. O medo da Lua cheia que N'weti representa nesta narrativa é a forma que Sónia Sultuane encontra para mostrar aos leitores as práticas de uma tradição cultural vigente ainda em Moçambique.

Sua mãe contava que, em tempos passados,
todos os que da sua família e da sua aldeia de
mapulanguene olharam a Lua diretamente,
em noites de Lua cheia, tinham enlouquecido.

(SULTUANE, 2014, p.14)

O fragmento acima nos chama atenção para uma prática típica de uma mentalidade colonizada por princípios cristãos explicitamente marcados no discurso da mãe de N'weti. Para que a criança não contemplesse a beleza da Lua cheia e não abrisse uma porta para o diálogo com a ancestralidade permeado e possibilitado pela força lunar, amedronta a filha com um possível diagnóstico de loucura por parte dos familiares de tempos passados. O que rompe com o psicologicamente esperado é a prática utilizada para proteger N'weti da força da Lua cheia.

E desde recém-nascida obrigava N'weti a tomar um “chá mágico”, feito de ervas muito margas, bac... dizia que protegeria dos males que a Lua fazia. Teria de o beber todos os meses, nos dias de grande Lua, até completar 5 anos de idade. Altura em que estaria protegida da “Lua assassina”. (SULTUANE, 2014, p.12)

O chá a que se refere a mãe de N'weti nesta narrativa é popularmente conhecido em Moçambique como o “chá da Lua”. Esta infusão também é muito utilizada em outras culturas para mulheres evitarem a gravidez. No Ocidente, na época medieval, muitas curandeiras, conhecidas como bruxas, eram procuradas por damas e fidalgas da corte em busca das soluções tidas como mágicas para perpetuação de determinados encantamentos. Fato é que a medicina

natural ou homeopática na contemporaneidade vem pondo por terra toda esta perseguição de outras religiões em relação aos resultados apresentados pelas práticas naturais, conhecidas como curandeirismo em Moçambique. Nesse sentido, o registro da representação desta prática na narrativa infantil de Sónia Sultuane nos faz atentar mais uma vez para o hibridismo cultural tão marginalizado por alguns moçambicanos e aqui colocado como um dilema em uma mesma linha de reflexão para crianças e adultos, que foram educados pela colonização portuguesa a encararem as crenças tradicionais como práticas diabólicas, alimentando, desse modo, um imaginário de medo em relação a fenômenos naturais. As imagens de movimentação da Lua cheia reproduzem no discurso de N’weti a ampliação do medo. Estas imagens em movimento

desempenham um papel em nossa vida. Vitalizam-nos. Por elas, a palavra, o verbo, a literatura são promovidos à categoria da imaginação criadora. O pensamento, exprimindo-se numa linguagem nova se enriquece, ao mesmo passo que enriquece a língua. O ser torna-se palavra. A palavra aparece no cimo psíquico do ser. A palavra se revela como devir imediato do psiquismo humano

(BACHELARD, 1990. p. 6).

Em direção análoga ao pensamento do filósofo francês Gaston Bachelard (1990, p.6), confirmamos que a literatura infantil de Sónia Sultuane, apropriando-se da categoria da imaginação criadora, desenvolve, por meio do discurso de N’weti e de sua mãe, uma prática comum da colonização portuguesa: estabelecer barreiras entre o bem e o mal, o sagrado e o profano, o divino e o diabólico, a crença tradicional e a judaico-cristã, a sanidade mental e a loucura. O medo de N’weti em relação à Lua Cheia está associado também ao receio de ficar louca, assim como ocorreu com os membros de sua família no passado. Esse temor revela como a Lua se encontra relacionada à *psiqué* humana. O texto infantil de Sónia Sultuane coloca o medo da Lua cheia, representada como personagem que assassina a sanidade mental, como fator de intersecção entre crianças e adultos.

A Lua contemplava N’weti todos os meses de olhar triste,
mas tão triste, que um dia ousou perguntar-lhe:
— N’weti, diz-me, por favor, por que é que tu tens tanto
medo de mim?
Eu sou tua amiga, prometo que nunca te farei mal!
N’weti estava assustada... e pensava:
— Não posso responder à Lua! Ela quer enganar-me! Se
acreditar, tal como dizem na aldeia, vou ficar
maluca, pois ela vai enfeitiçar-me.

(SULTUANE, 2014, p. 12)

O fragmento acima nos apresenta o conflito de N’weti em relação à Lua que tenta manter contato com a menina assustada. Um dado é importante neste momento da narrativa: a Lua se afirma

amiga e promete nunca fazer mal à N'weti. Esta passagem remonta à ambiguidade do conflito psicológico criado pela mãe de N'weti, personagem que, educando a filha para ter medo daquilo que não podia controlar, representa a assimilação cultural e a submissão ao sistema social moçambicano. Essa é uma estratégia sutil, mas não ingênua, da escritora Sónia Sultuane, porque nos faz entender uma possível crítica ao modo de narrar e de pensar estabelecido pela colonização portuguesa.

O colonialismo, as lutas de independência, os problemas oriundos das guerras civis provocaram sérias modificações na arte de narrar. Com a liberdade conquistada, tornou-se importante ensinar crianças e jovens a colocarem dentro de seus universos imaginativos o real das lutas guerrilheiras. (SECCO, 2007, p.9-10)

A importância de ensinar jovens e crianças a inserirem no universo imaginário as diversas possibilidades de representação simbólicas e ideológicas das guerras em Moçambique, como indica Carmen Secco (2007, p.9-10), atesta a astúcia de Sónia Sultuane em optar por narrar para o público infantil a estória de uma menina da aldeia de uma zona rural que teme os encantamentos e feitiços da noite de Lua cheia. A guerra se materializa no conflito de ouvir ou não a voz da Lua, a qual insiste em manter um diálogo com N'weti, como que representando, em sua manifestação performática do divino, o discurso de uma tradição moçambicana que não pode ficar esquecida ou invisível para um povo devotado a uma ancestralidade que vive e sobrevive nas crenças tradicionais e nas memórias dos mais velhos, os quais foram tão perseguidos pelos colonizadores ditos cristãos.

O colonialismo em África promoveu a superioridade de tudo o que era proveniente das antigas potências. Esta superioridade não permitiu dialogar, nem escutar, a voz do Continente Africano. Em nome da construção do mundo se fez a usurpação do ter; a África foi dividida em colônias, pela Conferência de Berlim. As crenças e as religiões foram abaladas. As várias instituições foram destruídas. A arte de cura e a religião tradicional foram perseguidas, proibidas, os praticantes mortos e escravizados. (CHIZIANE & MARTINS, 2018, p. 27 - Grifos da autora)

Inegavelmente, em concordância com Paulina Chiziane e Mariana Martins (2018, p.27), nunca podemos negar o quanto uma colonização invasiva é nociva aos pertencimentos culturais de um povo. Repitamos então o quanto a narrativa infantil de Sónia Sultuane dialoga com a proposta de dar visibilidade à arte da cura e às religiões tradicionais; de quebrar o poder de usurpação do colonizador em tirar das crianças a inocência de acreditar que a Lua é uma amiga; de pedir perdão aos mortos e escravizados que viram suas famílias obrigadas a se separarem devido a interesses políticos, por guerras, por acordos nocivos, por traições de fraternidade; de respeitar uma natureza viva e humanizada; de fazer de N'weti uma personagem intersectada pela tradição e pela modernidade.

N'weti completou 5 anos de idade e cresceu.
 Um dia, partiu para um país distante, onde estava sempre
 Inverno e as noites não tinham brilho nem emoção.
 (SULTUANE, 2014, p.18)

A passagem acima nos dá muitos caminhos de reflexão. N'weti cresceu, tomou o chá da Lua; sobreviveu às intervenções de comunicação com a Lua cheia e não ficou louca como alguns de sua família do passado; saiu da aldeia e foi para um lugar distante, frio e sem emoção. Este momento intenso constitui-se como clímax da narrativa; a partir daqui, a menina moçambicana da aldeia demonstra saudade de seu povo e lugar, por meio da metáfora da Lua: “que saudades eu tinha do prateado da Lua!” (SULTUANE, 2014, p.20). Um outro aspecto é a confirmação da injustiça para com a Lua: “Agora compreendia que tinha sido injusta com ela...” (SULTUANE, 2014, p.20). Ainda não menos importante é a forma com a qual N'weti torna viva a memória lunar: “Decidiu que através de sua pintura espalharia a beleza da Lua que conheceu em criança.” (SULTUANE, 2014, p.20).

N'weti amava a Lua... ela era a sua
 inspiração, a sua amiga confidente
 e sempre presente.
 E todas as noites de Lua cheia,
 N'weti abria a janela e pintava uma
 casa de portas e janelas abertas.
 Boa Noite, N'weti!

(SULTUANE, 2014, p.22)

A narrativa finaliza com uma mensagem muito sábia de Sónia Sultuane. Uma mensagem escrita e submersa nas entrelinhas prateadas pela força da Lua cheia. N'weti se transforma na própria Lua, a qual habita o seu corpo, iluminando os traços de uma pintura que se metamorfoseia em palavra. A janela representa o espaço de observação para um imaginário moçambicano que se constrói por meio da palavra literária, da vivência de uma tradição cultural mantida pela reverência à ancestralidade. A arte é a forma mais sublime de se aproximar do divino. A Lua cheia representa nesta narrativa o imaginário moçambicano no feminino; a voz dos ancestrais; a preservação das práticas tradicionais; a crença no poder da cura; a consciência política em relação à loucura gerada pelas colonizações do pensamento; a humanização da raça, da classe social e dos gêneros. E, ainda mais, a Lua não abandona N'weti e não funciona como a alegoria do mal e da loucura.

Últimas considerações

A Lua de Nweti é uma narrativa infantil de Sónia Sultuane que cumpre o compromisso assinalado por Carmen Tindó (2007, p.9) de educar crianças e jovens a pensar a nação moçambicana por meio de uma consciência política e humanizada em relação às tantas guerras promovidas pelas centralizações eurocentradas coloniais e pós-coloniais. Confirma o posicionamento de Terezinha Taborda Moreira (2005, p.31) ao se mostrar uma narrativa que anuncia novas modalidades de narrar, fazendo do *karingana ua karingana* um *modus operandi* narrativo peculiar ao universo de contação de estórias moçambicano. Corrobora com o modo de ver o mundo que Gaston Bachelard (1990, p.6) chama de movência do imaginário em função de uma linguagem organizada para interferir na *psiqué* humana.

A Lua é uma representação do feminino que se materializa por meio de uma voz poética orientada estética e ideologicamente por uma força ancestral que faz N’weti se emancipar enquanto uma personagem esférica que passa a construir mundos imaginários rememorados pelas tradições e crenças moçambicanas. A Lua cheia é a força da natureza que educa e convida a personagem a sempre voltar para sua aldeia de infância.

Na condição de espécie de sacerdotisa da Lua, Sónia Sultuane se apropria da luminosidade mística lunar para tornar a narrativa infantil um espaço de discussão política e cultural sobre a memória humanizada de um povo, possibilitando, assim, com que os povos de Moçambique ou de qualquer outra nação venham a aprender a respeitar a naturalidade das diferenças de raça, classe e gênero.

Façamos como N’weti: deixemos a noite chegar e a janela aberta será o espaço possível para que possamos ouvir o que ainda de muito a Lua cheia tenha para nos dizer.

Karinguana ua Karingana... Karingana!!!!!!

Referências:

CARA, Salete de Almeida. **A poesia lírica**. São Paulo: Ática, 1998.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso*: ensaios sobre as imagens da intimidade. (Trad. de Paulo N. da Silva). São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Allain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. **Ngoma Yethu**: o curandeiro e o Novo Testamento. Belo Horizonte: Nadyala, 2018.

MOREIRA, Terezinha Taborda. **O vão da voz**: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana. Belo Horizonte:

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **Ensaio sobre Literatura Infantil de Angola e Moçambique**: entre fábulas e alegorias. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.

SULTUANE, Sónia. **No colo da Lua**. *Maputo: s/e*, 2009.

_____. **A Lua de N'weti**. Santo Tirso: Editorial Novembro, 2014.

_____. **Celeste, a boneca com olhos cor de esperança**. Santo Tirso: Editorial Novembro, 2017.